

Ponto de reflexão

## ENTRE PESSOAS E MÁQUINAS

(linha fina)

Os recursos da modernidade, como o computador *on line*, os *blogs* e a televisão dificultam o contato das crianças com o outro presencial, por meio do qual se efetivam os laços sociais

Por Claudemir Belintane

Revista Mente-Cérebro. São Paulo: Duetto Editorial, Edição no. 4, s/d  
[p.98]

*Meu pai me bote na escola / Do meu velho amigo Lau / quero aprender com ele / Versos e não bê-á-bá.* A autoria desses versos é do alagoano Jorge de Lima (1895-1953), então com 7 anos de idade. Quando há 100 anos ele, que viria a se transformar num importante poeta do modernismo brasileiro, escreveu ainda pequeno esse poema, as crianças não tinham televisão nem computador. Além do velocípede, do diabolô, da bola-de-meia, eles se divertiam também com as palavras. Duas tradições se entrecruzavam nos folguedos infantis, a dos jogos orais infantis e a advinda da indústria gráfica: os livros (para os que podiam comprar).

As duas ainda hoje se mantêm, mas dividem espaço e tempo com a TV e com o computador em rede. Se antes os portões estavam abertos para que os filhos fossem à esquina encontrar os amigos, disputar uma pelada com bola-de-meia ou então brincar de salva, balança-caixão, corre-cotia etc., hoje a criança vai encontrar o outro virtualmente num blog ou em salas de bate-papo on line. Se antes havia a possibilidade de uma visita inesperada do homem do saco ou do almofadinha pervertido ou ainda de ocorrer um

lance fortuito que provocava um acidente – como o que ocorre em *Gaetaninho*, um dos contos do livro *Brás, Bexiga e Barra Funda*, escrito em 1927 por Antônio de Alcântara Machado (1901-1935) –, hoje as crianças enfrentam dois perigos terríveis: a possibilidade de os pais ficarem satisfeitos enquanto elas estiverem quietas diante da TV ou do computador e o encontro imprevisto com adultos e programas impróprios para sua idade.

Talvez o primeiro seja de fato o pior dos perigos. Essa permissividade paterna acaba submetendo as crianças a esse outro virtual, distanciado, cujo eixo de interação lingüística e cultural apaga as diferenças e reduz as possibilidades de participação efetiva da criança nos jogos e brincadeiras típicas de sua idade. Além disso, estende o foco de sua atenção para o mundo dos adultos. Desde as novelas às músicas sertanejas que enchem os domingos, passando pelos jogos virtuais sempre disponíveis na Internet, as experiências Eu-outro vão ganhando um contorno bastante diferente desse universo de Jorge de Lima ou mesmo daquele que a compositora e desenhista Zica Bergami, nascida em Ibitinga, no interior de São Paulo, em 1913, expõe maravilhosamente na letra da canção “Lampião de Gás” (*ver ao lado*), também do tempo de *Gaetaninho*.

Se no lar a criança tem o computador, a TV e os produtos da indústria fonográfica como substitutos do contato presencial, podemos concluir que há um certo abalo de alguns elementos que a tradição afirmou. A memória lingüística da criança, por exemplo, que se fortalecia a partir das brincadeiras, dos jogos orais, das memorizações sucessivas de textos cada vez mais complexos, que por meio de recursos estéticos ela ia dominando seu mundo interior e se localizando melhor nas interações com os outros. Com a possibilidade da “maternância eletrônica”, a publicidade, as babás-modelo e os cantores de TV (que desempenham a ambígua função de estabelecer um curto circuito-erótico entre o universo adulto e o infantil) e

ainda a pregnância proposta pelos sites infantis, que já seguem o famoso modelo americano do consumidor fiel, rotulado como “do berço ao túmulo”, a tradição do encantamento da palavra falada e escrita parece estar cedendo lugar aos caprichos do mercado. Diante desse domínio, uma boa pergunta seria: onde estão as possibilidades de subversão, de um fazer diferente?

Bem provável que o intelectual criativo das próximas décadas tenha o perfil de um sujeito dividido entre os meios pregnantes (que absorvem demais a atenção e não exigem contato presencial) e os meios mais tradicionais (oralidade, contato presencial, leitura em suporte gráfico etc.). Nesse contexto, família e escola têm uma missão: manter para a criança uma ambiência rica em interações presenciais e repleta de atividades que permitam a ela dispor de seu corpo, de sua memória e de suas sensações (brincadeiras e jogos corporais, ludismos lingüísticos, contação de história e muito contato com livros em suporte gráfico). Isso porque é efetivamente no encontro cotidiano com o outro presencial que se efetivam os laços sociais suficientemente fortes para enredar e significar o que vem do virtual.

## O AUTOR

CLAUDEMIR BELINTANE é lingüista e educador, professor de graduação e pós-graduação da Faculdade de Educação da USP.

(arte, se der espaço, vamos fazer um quadrinho, com uma ilustração de época, e a letra abaixo)

**Lampião de gás**

Letra: Zica Bergami 

*Lampião de gás, lampião de gás  
quanta saudade você me traz*

*Da sua luzinha verde azulada  
que iluminava a minha janela  
do almofadinha lá da calçada  
palheta branca, calça apertada*

*Do bilboquê, do diabolô,  
me dá foguinho, vai no vizinho  
de pular corda, brincar de roda,  
de benjamin, jagunço e chiquinho*

*Lampião de gás, lampião de gás  
quanta saudade você me traz*

*Do bonde aberto, do carvoeiro,  
do vassoureiro com seu pregão  
da vovozinha muito branquinha  
fazendo rosca, sequilhos e pão*

*Da garoinha, fria, fininha  
escorregando pela vidraça  
do sabugueiro grande e cheiroso,  
lá do quintal da rua da Graça*

*Minha São Paulo, calma e serena  
que era pequena mas grande demais*

*agora cresceu, mas tudo morreu,  
lâmpião de gás, que saudades me traz.*

*Lâmpião de gás, lâmpião de gás  
quanta saudade você me traz.*